

FLASH

Animação Pastoral Juvenil Salesiana

Número 5. Dicembre 2023



Primeiro anúncio e a pastoral juvenil salesiana

Pe. Miguel Ángel García Morcuende

Conselheiro Geral Pastoral Juvenil

SETOR PASTORAL JUVENIL
Salesiani di don Bosco SEDE CENTRALE SALESIANA



Primeiro anúncio e a pastoral juvenil salesiana

Pe. Miguel Ángel García Morcuende

Conselheiro Geral Pastoral Juvenil

1 Algumas tentativas parecem acabar em nada

Desde alguns anos estamos assistindo a um processo acelerado de profunda mudança social. Muitos aspectos estruturais de algumas sociedades estão sofrendo verdadeira revolução. Os modelos de socialização, as funções, a hierarquia dos valores dominantes, as fórmulas de interação, as expectativas dos jovens, as estruturas familiares, etc., tudo está sofrendo um processo de evolução. No epicentro dessas mudanças, às vezes sofrendo-as, mais frequentemente representando-as, estão os jovens.

Em tudo o que se refere à vida de fé experimentamos muitos sentimentos contrastantes. **Algumas das nossas tentativas educativo-pastorais parecem ser infrutuosas, e os jovens nem sempre respondem às iniciativas pastorais.** Verdade é que a expe-

riência cristã de base – os caminhos do amor e da salvação traçados por Deus – continua a mesma, mas a paisagem em que ela se exprime mudou radicalmente.

Nosso olhar adulto não é um olhar indiferente, mas um olhar em que às vezes prevalece a incerteza: “Que mais podemos fazer?”. A constatação da dificuldade de “não atingir a todos” pode facilmente levar-nos a uma visão dos adolescentes/jovens como pessoas problemáticas. Em algumas ocasiões essa visão pode ser até irritante, por nos encontrarmos diante de grupos *target* que não respondem às nossas propostas.

O segredo está em repensar a nossa Pastoral Juvenil Salesiana para recuperar o significado original, o ponto de partida e a meta dos novos caminhos de fé. Para essa finalidade, as palavras que começam com prefixos como “re”, “com”, “em” ou “inter” são um sinal de vitalidade, movimento e adaptação.

Palavras como reconversão, reorganização, redimensionamento ou revitalização aparecem com frequência nas reflexões pastorais dos Institutos Religiosos e das Sociedades de Vida Apostólica, como também de Movimentos e Associações Laicais.

2 As perguntas que trazemos dentro de nós

[a] Com base nessa leitura perguntamos: como podemos planejar e realizar processos e iniciativas educativo-pastorais para **propor a mensagem do Evangelho aos jovens que não conhecem Jesus Cristo, aos que, tendo-o conhecido, se afastaram d'Ele, e aos que pensam conhecê-lo suficientemente mas vivem uma fé habitudinária?**

Essas são as perguntas que nos fazemos quando pensamos nos jovens da nossa casa salesiana: Como despertar o interesse por Jesus Cristo nos que frequentam nossos espaços educativos formais e informais? Como acompanhar tantas centenas deles para que possam dar um passo rumo ao primeiro compromisso com Ele? Como podemos encorajar um «primeiro ato de fé», uma “primeira conversão”, sobre a qual o ser cristão possa crescer? Estamos falando do primeiro anúncio.

Mas em que sentido esse anúncio é o *primeiro*?¹ Em sentido qualitativo **“é o anúncio principal, aquele que sempre se deve voltar a ouvir de maneiras diferentes e aquele que sempre se deve voltar a anunciar**

¹ A expressão “primeiro anúncio” é um tanto recente. Foi utilizada pela primeira vez somente em 1979 com a *Catechesi tradendae* (nn. 18-20). A partir dos anos '60 e durante todos os anos '70 e '80 a expressão mais usada foi “evangelização”, em substituição à precedente pregação missionária ou pré-evangelização. É dita também pré-catequese, pré-catecumenato, catequese querigmática, querigma ou anúncio querigmático, ou também primeira evangelização.

duma forma ou doutra durante a catequese” (*Evangelii Gaudium* 164).

É importante recordar que as nossas casas estão cheias de jovens não convertidos (incluindo os “batizados e não evangelizados”), mas abençoados pela bondade da presença de Deus que deseja a salvação de todos. Para os Salesianos, o jovem é sempre um sinal de esperança, não principalmente porque biologicamente tem toda a vida pela frente, mas porque cada um deles deveria ter a oportunidade de explorar a fé onde quer que se encontre. *Estamos convencidos de que o encontro vital com o Senhor não seja somente o “início”, mas também o “centro” e o “coração” da nossa PJS.*

[b] Talvez deveríamos repensar a **presença do primeiro anúncio como elemento essencial da evangelização**. Isso nos obrigaria a **rever sua relação recíproca com os outros elementos que compõem o processo complexo de evangelização dos jovens**, be como nos ajudaria a tomar consciência da especificidade de cada um deles e da interação entre todos.

Evangelii Nuntiandi (1975), um dos primeiros documentos do Magistério a falar da necessidade de promover o primeiro anúncio, no n. 24 apresenta uma série de elementos de evangelização que sempre são complexos. Uma recente releitura fala de:

- Empenho a serviço da humanidade para transformar mentalidades, ambientes, culturas e estruturas.
- O testemunho dos fatos (tão necessário para a credibilidade das palavras) e o testemunho das palavras explícitas, isto é, do primeiro anúncio e de todo tipo de mensagens que acompanham a tradição oral.
- O itinerário de iniciação cristã das crianças, dos jovens e dos adultos envolve: a oração pessoal a partir da Palavra de Deus; a adaptação dos catecumenatos e/ou dos itinerá-



rios educativos ou da catequese; a experiência da comunidade por meio da celebração e da oração em suas diversas formas; a formação e os ministérios e/ou serviços; as exigências concretas do seguimento de Jesus Cristo (mudança de vida em termos de atitudes, sentimentos e hábitos).

- A personalização da experiência por meio da abertura do coração do jovem a Jesus Cristo, ou seja, a fé inicial e a conversão. Uma abertura que não pode ser forçada ou pressuposta, porque se trata de uma decisão existencial que às vezes começa com a simples curiosidade, o interesse, e leva à primeira adesão de fé.
- A recepção dos sacramentos da iniciação (Batismo, Crisma e Eucaristia) e todas as variadas iniciativas pastorais previstas à luz da espiritualidade dos processos (Projeto Educativo- Pastoral).

[C] Este elenco esclarece desde o início que há elementos específicos que nos falam da **iniciação cristã da fé** (o testemunho e o primeiro anúncio) e elementos específicos que **alimentam e formam a fé de modo duradouro** (a catequese e os itinerários de educação à fé, a celebração, etc.). Estes dois elementos, embora estreitamente correlatos, não são a mesma coisa.

Em outras palavras, **a PJS deve prestar atenção à complementaridade e à íntima relação entre todas essas ações pastorais**. Este conjunto articulado de elementos (isto é, a pastoral orgânica) não pode ser desfeito se se quiser que a evangelização produza muitos frutos. De fato, na PJS nenhum âmbito é completamente autônomo, nenhum pode ser compreendido de forma isolada, mas cada qual tem o seu tempo. Há uma *diferença entre plantar e nutrir a fé*: dois momentos distintos que requerem espaços e métodos diversos.

É possível suscitar a primeira fé em Jesus Cristo num jovem por meio de uma catequese sobre a teologia das virtudes ou por meio da solene Vigília Pascal, sem uma iniciação ao Mistério Pascal do Senhor? Difícil. O que não é relevante como proposta pastoral para a iniciação pode não ser útil (como de fato acontece), pode até ser contraproducente naquele momento.

O que aconteceria, então, se pensássemos numa ação educativo-pastoral específica e determinada, voltada precisamente a criar reais possibilidade de encontro com Cristo e a promover uma conversão operosa? Esta mediação prática é o que entendemos quando falamos de primeiro anúncio.

[d] A prática salesiana se baseia sobre um princípio muito importante da evangelização: **o princípio da integralidade**. Dado que a natureza processual ou gradual da maturidade humana e cristã é governada pelo princípio do crescimento-maturidade de todas as dimensões da pessoa, a atuação de cada um dos elementos da evangelização deve adotar a mesma dinâmica. *É um erro reduzir a pastoral juvenil a um só desses elementos e promover somente um aspecto*. Por exemplo, numa paróquia há a convicção de que a catequese oferecida seja “evangelizadora”, mas na realidade se trata de uma catequese de memorização, sem o aspecto celebrativo e sem nenhum compromisso distinto da vida dos locais paroquiais; ou quando o caminho da iniciação à fé é reduzido a um caminho sacramental (recepção do Batismo, da Crisma e da Eucaristia).

Por outro lado, o primeiro anúncio, embora necessário, não pode substituir a proposta da PJS em seu conjunto. *Há outras áreas de interesse que se referem a outras dimensões da ação pedagógico-pastoral salesiana* (aspectos que têm a ver com a formação de pessoas sadias, equilibradas e atentas; a formação para atitudes e estruturas estáveis que permitam

agir como pessoas livres e críticas; a experiência comunitária-associativa como «iniciação» concreta ao compromisso comunitário, civil e eclesial; o acompanhamento de cada jovem na busca concreta da própria vocação, etc.). A PJS contribui para a formação gradual da identidade e da personalidade de um jovem, da sua primeira experiência de Deus até a inserção numa comunidade cristã adulta.

3 Preconceitos, muito queridos, mas que agora se revelam ineficazes

Não seria errado recordar certa resistência ao primeiro anúncio, a etapa que a Igreja propõe para despertar a fé e a primeira conversão:

[a] Por um lado, alguns argumentam que propor a adesão à pessoa de Jesus Cristo “é o que fizemos durante toda a vida!”; “a maior parte de nós fez catequese e falou de Jesus Cristo como uma coisa óbvia». Concretamente, porém, se tratava mais de “ensinar as verdades da fé”, sem abrir um espaço de fraternidade, acolhida recíproca e hospitalidade do jovem. Além disso, o primeiro anúncio não pode ser reduzido a uma catequese sistemática. Se refletirmos bem, às vezes podemos cair na inércia pastoral, na repetição das costumeiras estratégias (porque as coisas velhas funcionavam...). Na realidade, quando a complexidade pastoral não é digerível por qualquer motivo, a reação mais normal é a de reduzir, simplificar.

[b] Da mesma forma se diz que só e exclusivamente processos pastorais longos e reflexivos podem articular e desenvolver uma fé mais madura, crítica e comprometida.

[c] Por fim, outros afirmam que o trabalho pastoral sobretudo deveria procurar garantir que “ninguém seja incomodado”. Vivemos num ambiente policromo e as nossas casas são

abertas e inclusivas. “Devemos estar atentos a não impor a nossa fé. Suavizemos a proposta pastoral, proponhamos o mínimo indispensável”. Em todo caso, “deixemos que o façam os que possuem o carisma do primeiro anúncio”.

Mas este primeiro chamado vocacional cristão (isto é, o primeiro anúncio) pode ser sinceramente descartado?

4 Uma pedagogia para reconstruir o liame afetivo com Jesus

Se quisermos realizar uma evangelização eficaz, experiencial e enraizada na pessoa do jovem, devemos compreender que o primeiro anúncio não é somente uma etapa de um percurso de acompanhamento, mas **o “valor fundamental” (Jesus Cristo) que deve estar presente em todos os processos de evangelização: na PJS, como espinha dorsal, e nos nossos projetos, como motivação principal.**

Se o imperativo de ser evangelizadores é para todos, o primeiro anúncio enquanto tal não é um carisma de uns poucos. Considerá-lo uma atividade opcional é, portanto, uma atitude contrária à natureza da ação missionária e evangelizadora. O primeiro anúncio é o elemento central e, por definição, *pode e deve ser feito por cada batizado: é uma obrigação para todos nós.*

Mas é também uma opção proativa, respeitosa e interrogativa que deve permear também a nossa PJS. Quais são, portanto, **as condições gerais que podem servir para este objetivo, ou seja, para a conversão e um ato de fé ou de adesão a Jesus?** Em linha de princípio, são duas:

4.1. Se quisermos reconectar-nos de forma atraente e credível com os jovens de hoje, **pre-**

cisamos de uma ampla gama de propostas diversificadas para entrar em contato com aqueles que participam só de vez em quando da vida da Igreja (em muitos casos, contentando-se com a mera frequência) e com os não crentes que não frequentam habitualmente os ambientes eclesiais. Isso abre um imenso campo de possibilidades para a ação educativo-pastoral.

O primeiro anúncio, enquanto ação pastoral, possui uma pedagogia específica e necessita de um arco de tempo em que cada fase envolve as demais; separadas, perdem vigor; só juntas, é que se apoiam reciprocamente e sustentam a missão evangelizadora.

I.- O conceito de evangelização, que está estreitamente ligado com a humanização, foi fortemente enfatizado pela *Evangelii Nuntian-di*. Nessa linha, o PRIMEIRO TEMPO e o PONTO DE PARTIDA consistem em **criar possibilidades concretas de contato com as experiências autenticamente humanas que são as mais íntimas da pessoa.** A proposta cristã deve ser relacionada com as questões centrais da vida dos jovens; como ponto de contato perceptível por eles, isso os abre a outras possibilidades. A primeira área de anúncio é a das relações interpessoais, humanas. Sem elas, o tempo seguinte não teria continuidade.

Neste sentido, o primeiro diálogo do primeiro anúncio consiste em conectar-se com as perguntas, os desejos, os limites e as possibilidades do jovem. Trata-se de partir da própria busca – ou de solicitações antropológicas particularmente abertas ou prontas para algo mais. Este ponto de contato é denominado de vários modos: em francês, «*pierres d'attente*» (pedras de espera), referindo-se às pedras de um edifício que são deixadas na parte exterior junto às paredes laterais, de modo a poder uni-las mais tarde a outro edifício; em inglês, “*stepping stones*” (pedras de passagem), referindo-se às pedras grandes que se colocam

num riacho de modo a poder atravessá-lo sem se molhar; os teólogos dos primeiros séculos (período patrístico), falavam de «*semina verbi*», que se encontra em todas as culturas e entre todos os povos.

Essa área da experiência humana, se bem cuidada, desenvolve a capacidade de levantar questões a respeito do universo interior; estimula a automotivação e a pergunta pelo sentido da vida; abre para a um «além» de si mesmos; permite tomar distância das coisas para vê-las em profundidade; ajuda a viver segundo a lógica da doação e da caridade; permite perceber os valores presentes na cultura em geral. Essa abertura transcendente se tornará sempre mais eficaz na medida em que começar a ver Deus no horizonte.

Este ponto de partida pode ser **realizado graças a diversas propostas concretas da nossa PJS**: o acompanhamento do ambiente; a vigorosa dinâmica solidária da pastoral que conduz os nossos jovens para fora da zona de conforto; o trabalho a respeito dos valores carismáticos/salesianos, como a familiaridade, a confiança, o realismo ou o otimismo; a oferta contínua de formação, de propostas, de iniciativas e de experiências profundas, verdadeiras e duradouras (por exemplo, o bom-dia/boa-tarde/boa-noite salesiano). Tem mais a ver com ações comunicativas a curto prazo, como o diálogo, os encontros casuais, o pátio salesiano, o testemunho que emerge numa conversa, etc.

Estamos falando de um Evangelho em construção, que deve abraçar a carne da história e a dos nossos jovens. E por isso procura redescobrir o quotidiano (o valor do pequeno e a cultura do “detalhe”), a presença em meio aos jovens, a proximidade e a atenção pessoal («conversa mais do que lição»). É um acompanhamento afetivo e eficaz. Por esse motivo, devemos ter uma profunda compreensão dos mistérios da vida dos jovens!



II. Depois do enraizamento na pessoa há um SEGUNDO TEMPO: o **testemunho da própria experiência cristã**. Trata-se de fazer ouvir e ver ao jovem, se o deseja, se suscitar seu interesse, o testemunho direto. Falar da própria experiência: «Quero compartilhar contigo o que me foi dado, o que dá sentido à minha vida e me torna feliz». Não se trata de “narrar a minha vida”, mas do que a presença de Jesus me ensina, o que Ele trouxe para a minha vida.

É a lógica de quem apresenta um amigo a um amigo. Não viemos trazer alguma coisa de estranho que pareça anômalo, mas que faz parte da história das pessoas que o nararam. Estamos falando do que está no coração da pessoa, do que é mais pessoal, íntimo e autêntico, e ao mesmo tempo, mais precioso. Em síntese, corresponde ao caráter auditivo da origem da transmissão da fé, que foi a prática pioneira da Igreja: trata-se de alguma coisa que é anunciada, que é proclamada. Segundo a clássica frase de São Paulo, a fé deriva da «escuta do anúncio» (Rm 10, 17). Não se evangeliza dando um testemunho de amor sem palavras, sem uma proposta e um convite concretos.

Esta segunda fase começa com **ações abertas de PJS cristã**, nem sempre ligadas a processos longos. Começam e terminam em momento definidos, mas a chave é o convite baseado no testemunho: celebrações pascais com os jovens; encontros, campanhas e mesas redondas de reflexão, partilha e oração; a experiência de Taizé; ações de solidariedade, particularmente nos setores mais pobres e necessitados; grupos de formação e tutoria nas escolas. Em outras palavras, consiste em pôr em prática o princípio mistagógico. Vive-se uma experiência e esta se torna a base para a reflexão, a aprendizagem ou até mesmo para um novo rumo na vida.

Devemos compartilhar a nossa experiência de vida, simplificar a linguagem, falar aos jovens da nossa fé e do que ela significa para nós. Somos convidados, não somente a “falar” de Cristo e a falar dele bem, mas a torná-lo presente em nossa vida. Creio que temos perdido o hábito e esquecido de falar com naturalidade do que é essencial para a nossa vida. Introyectamos medos que nos paralisam. Se não sabemos falar de fé entre nós, como crentes, qualquer discurso nosso aos não crentes soará como artificial. Neste sentido, a pergunta que assinala nossa capacidade ou incapacidade de evangelizar é esta: *Falei recentemente com um jovem sobre minha relação com Cristo ou com Deus?*

Em outras palavras, **o anúncio está inserido no testemunho e na palavra**. Sem dúvida, preferimos sentir-nos à vontade com discursos e propostas muito doutrinários morais ou espirituais, desenvolvendo um “ensinamento linear” de tipo catequético. Na realidade, *na prática concreta do primeiro anúncio, a testemunha verdadeiramente confiável pode contar somente com suas convicções vitais (não somente com as certezas intelectuais), com o testemunho de uma vida vivida com sentido e, evidentemente, com a força da Palavra*. Hoje, portanto, o anúncio deve ser também uma provocação para o apóstolo: “Quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e fazê-la carne na sua vida concreta” (*Evangelii Gaudium* 150).

“O primeiro objetivo não consiste tanto em fazer com que os outros creiam “como nós”, mas fazer em fazer com que creiam *que nós cremos realmente em alguma coisa*, em Alguém que torna possível nossa alegria de viver, e o prazer de entrar em contato com os que buscam essa alegria e esse prazer” (Pareydt, Luc, *Testemunhas para o nosso tempo. Cristãos simpáticos*). **Para o evangelizador, o encontro com Jesus não é somente**



o concretizar-se da primeira decisão, mas também o motivo da fidelidade.

III. O TERCEIRO PASSO consiste em **apresentar o Cristo vivo e presente**. Não se trata de transmitir uma recordação ou uma notícia a respeito de alguém que, como nos foi dito, existiu *in illo tempore* e apareceu a certas pessoas, mas de transmitir Jesus, Senhor e Salvador. Sua presença não pode acabar sendo só um holograma tridimensional, mas uma presença real, que interroga e põe em ação: “E vós, o que dizeis dele?” (Jo 9,17). “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29).

Nesta terceira fase, trata-se de ajudar o jovem a ver que a humanidade de Cristo é semelhante à sua própria humanidade, mas com a diferença de que a de Cristo é portadora de uma vida nova, a vida divina, e a convidá-lo a entrar em comunhão com ela, a fim de que o alcance, o sacie e o torne participante

da vida de Deus. Graças a ela, realiza-se o seu desejo mais radical de absoluto, numa palavra, da felicidade mais autêntica.

Nas narrações do Evangelho faz-se referência aos personagens que se aproximam de Jesus e recebem d’Ele a cura física e o perdão dos seus pecados: o cego de Jericó, o chefe da sinagoga de Cafarnaum, o centurião romano, a hemorroíssa, os leprosos... Eles não tinham clara consciência da identidade de Jesus, muito menos do Deus Trinitário, no entanto, *sentiam a necessidade de serem interpelados por alguém, Jesus, e se abriam a Ele*.

Também hoje alguns dos nossos jovens que não possuem uma clara identidade de Jesus se abrem a Ele e O ouvem com atenção, empenho e interesse sincero. Não é necessário, portanto, dispor de uma proposta teológica bem articulada para um primeiro compromisso com Jesus.



Na prática da PJS, este anúncio acontece particularmente **onde há uma Comunidade Educativo- Pastoral** que oferece espaços reais para o acompanhamento pessoal, para aproximar-se e viver a fé (retiros para jovens, encontros vocacionais, CampoBosco, Jornada Mundial da Juventude, escolas de oração, voluntariado missionário). Enfim, uma CEP que se deixe interpelar pelo Evangelho e que acolha os jovens iniciados para reforçá-los e sustentá-los na fé, uma comunidade onde possam celebrar, anunciar, viver e compartilhar a fé.

4.2. Mesmo se o primeiro anúncio não é uma apresentação completa e detalhada do conteúdo da fé cristã, mas, como aparece nos escritos do Novo Testamento, tem um caráter narrativo para fazer apelo à profundidade do jovem, todavia, é preciso prestar atenção à **linguagem que usamos em sentido antropológico e cultural**. A linguagem narrativa, poéti-

ca e até metafórica cria um encontro com os movimentos interiores do desejo humano, cria espaço para a imaginação. Por isso, embora a evangelização não seja uma questão de estratégias de comunicação, mas de espiritualidade, a linguagem é sempre importante.

Por esse motivo, devemos ir além das metodologias argumentativas e discursivas. *Essa passagem da experiência, da narração, de perguntas, notícias... captura a imaginação dos jovens ouvintes*. E essa proposta não é nova, porque a própria linguagem da fé foi sempre simbólica: a luz, a veste branca, o círio pascal, as cores litúrgicas, etc.

O grau de envolvimento pessoal oferecido por uma abordagem narrativa é maior porque não procura convencer, mas envolver o ouvinte; oferece também um acesso mais fácil a conceitos abstratos e complexos; contém emoções e, por consequência, favorece a memo-

rização da história em nível cognitivo; cria um mundo novo na mente do ouvinte, uma história que pode gerar outras histórias. Em síntese, *trata-se de passar da pastoral das ideias para a pastoral da narração.*

5 Educar a resposta da fé: progressos e momentos de parada

Na realidade, seguir a Cristo é sempre uma decisão pessoal, nunca “automática” ou “herdada”, como talvez estejamos habituados a pensar. **Hoje, uma fé viva de base não pode ser considerada um dado de fato**, nem se pode pressupor uma firme convicção cristã por parte de quem a recebe. Os hábitos mentais, o uso linguístico, as práticas devocionais, muitos conceitos e expressões de fé mudaram.

Com frequência encontramos *juvems que não compreendem a importância da fé em seu caminho pessoal para a idade adulta*. Este é um desafio, mas também uma oportunidade para nos distanciar do cristianismo “obrigatório”. Abre-se a possibilidade de um anúncio sob o signo da graça, da surpresa, da livre descoberta do tesouro da fé e da esperança.

Eis a razão pela qual falamos do primeiro anúncio como de um novo nome para o *kerygma* proclamado por Pedro e Paulo, como consta dos textos do Novo Testamento. Todavia, não se trata somente de uma explícita proclamação oral desse *kerygma*, de poucas palavras ou de fórmulas precisas, mas de um ministério dinâmico, em crescimento, sob a ação e guia do Espírito; um acompanhamento rumo à liberdade e à responsabilidade da pessoa. Isso explica o motivo pelo qual **cada momento e cada passo progride em espiral, com improvisos e até viradas, nunca em linha reta**. A vida cristã possui uma componente de aventura que deve ser liberada no coração do crente.

É uma aventura baseada no fato concreto da chamada de Cristo, que se dá conforme as intuições, as esperanças e os talentos de cada jovem, e que requer muitas mediações e muita paciência, porque deve viver constantemente num deserto que tem o sabor de uma terra prometida. As experiências são sempre mais profundas: compreendem progressos e momentos de parada, num espírito constante de conversão: “O cristão não nasce, ele se faz”. Esta fórmula de Tertuliano encontra sua plena atualidade, hoje.

O anúncio não deve estar sujeito à presença de apresentar “resultados” (cifras, número de pessoas), nem deve ser caracterizado pela necessidade de um sim ou de um não imediato. Pelo contrário, deve caracterizar-se pela sensibilidade quanto aos tempos de cada pessoa, aos possíveis percursos, que não coincidem com os próprios, e até mesmo com os erros. O tempo que pode requerer não é determinável, não pode ser limitado ou rigidamente estandardizado, porque se trata de pessoa, cada qual com uma história e um ser particular.

6 A porta da experiência cristã e da resposta vocacional

[a] Os três momentos mencionados acima são interconexos. Quando se dá um progresso na acolhida positiva do primeiro anúncio por parte do jovem estamos às **portas da experiência cristã**. Sucessivamente se abre uma ação mais catequética-iniciática, que permite ao jovem optar pelo Evangelho e completar ou reestruturar sua iniciação. Portanto, não é possível “crescer”, sem antes ter “nascido”; muito menos será possível tornar-se adulto e amadurecer sem as fases anteriores.

A primeira fé não é *toda a fé*, isto é verdade. Por isso, o primeiro anúncio é um «estágio inicial e ainda incompleto» (*Evangelii Nuntiandi*)

160), mas é claramente um *convite pessoal* a realizar um ato de aproximação, de confiança e de adesão existencial a Jesus Cristo. O primeiro anúncio é um ato de confiança na pessoa de Jesus Cristo, um passo essencial na busca da própria vocação.

Do ponto de vista inicial, a acolhida de Jesus no coração do jovem é o embrião de uma mudança de vida que levará à fé concreta: o caminho de educação à fé se baseia nessa experiência de acolhida viva do primeiro anúncio, os sacramentos a pressupõem e a alimentam, o testemunho e o compromisso pelo Reino são a consequência e a manifestação externa. O projeto de vida é sua vocação.

Se quisermos evitar uma catequese efêmera que não cria raízes nos que a recebem (os catecúmenos), devemos estar atentos para que a iniciação disponha de um lugar onde possa se enraizar. **Um “anúncio” que precede a “iniciação cristã”, de modo que a esta não falte um terreno em que possa criar raízes e no qual possa crescer e frutificar.** A iniciação cristã é o campo de ação e a consequência do primeiro anúncio; em outras palavras, sobre o “vem e vê” (primeiro anúncio) se apoia todo o edifício da vida cristã: “vê e permanece” (a comunidade cristã).

[b] A compreensão e a prática deste primeiro anúncio é, portanto, em certo sentido, uma **renovação da PJS**. A nossa PJS, em sua raiz, é uma prática de confiança numa pessoa: Jesus

Cristo, acolhido como Salvador da humanidade e da minha vida. Tudo o mais – absolutamente necessário e constitutivo da evange-

lização – será uma consequência a ser vivida, sempre do ponto de vista da pessoa do jovem, em sua relação de amizade com Jesus Cristo.

A salvação oferecida por Deus Pai através de Seu Filho Jesus Cristo consiste na restauração do nosso liame afetivo e existencial com Ele. Jesus Cristo nos oferece seu amor pessoal. Cada modelo de primeiro anúncio é uma proposta de amor, uma oferta da primeira restauração do liame afetivo de Deus com cada ser humano. A aceitação desse liame pode ser somente uma resposta livre e pessoal de cada pessoa.

Nem o nosso testemunho com os fatos, que é necessário, mas não é suficiente, pode acender a fé cristã, porque ela precisa da palavra que se refere a Jesus Cristo; nem o poder dos sacramentos, sozinho, pode acender a fé, se cada qual que participa da liturgia não abre livre, consciente e permanentemente seu coração, sua intimidade, a Jesus Cristo.



Conclusão: Interromper o tempo para trazer à luz o novo

Para concluir e parafraseando as palavras do primeiro homem a pôr os pés na lua, poderíamos dizer: o primeiro anúncio é um *pequeno passo* para a testemunha que o sugere a um amigo no seu ambiente diário, mas é também um *passo enorme*, com consequências incalculáveis para uma PJS que se põe, com todas as suas energias, a serviço de todos os jovens.